

**MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: a Cades no Ceará (1953-1964)****MEMORIES OF MATHEMATICS TEACHER EDUCATION: Cades in Ceará (1953-1964)****Luiza Santos Pontello¹**ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3471-260X>**Maria Laura Magalhães Gomes²**ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2423-7750>**RESUMO**

O objetivo deste estudo é focalizar memórias de aulas de Matemática nos cursos de formação de professores da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, Cades, no Ceará. Essa Campanha, criada em 1953 pelo governo federal, visava, como indica o próprio nome, qualificar as ações do Ensino Secundário no Brasil. No Ceará, a Cades foi coordenada por Lauro de Oliveira Lima e desenvolveu, especialmente, cursos de orientação para professores secundários não licenciados, com o intuito de prepará-los para os exames de suficiência. A aprovação nos exames concedia a esses professores um registro que permitia lecionar em localidades onde não houvesse licenciados. A pesquisa que embasou este estudo foi desenvolvida com a metodologia da História Oral. Foram entrevistados seis professores que participaram ou testemunharam ações da Cades no estado no período entre 1953 e 1964. Evidenciou-se que a Cades cearense teve características diferenciadas do restante do país, atribuídas à coordenação de Lima. Além disso, a Campanha contribuiu positivamente para o cenário educacional cearense, o que é atestado pelos entrevistados em seus aprendizados e nos espaços educacionais que ocuparam ao longo de sua carreira.

Palavras-chave: História Oral. Cades no Ceará. Formação de Professores de Matemática. História da Educação Matemática.

ABSTRACT

This article focuses on memories of Mathematics classes in teacher education courses of Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Campaign for Improvement and Dissemination of Secondary Education), Cades, in the Brazilian state Ceará. This Campaign, created in 1953 by the federal government, aimed, as its name indicates, to qualify the actions of Secondary Education in Brazil. In Ceará, Cades was coordinated by Lauro de Oliveira Lima and developed, especially, orientation courses for non-licensed secondary teachers, in order to prepare them for exams which were required to exercise their profession. Passing the exams gave these teachers a record that allowed them to teach in locations where there were no graduates. The research that supported this study was developed with the methodology of Oral History. Six teachers who participated or

¹ Doutora em Educação (UFMG). Professora do Departamento de Física e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (Defimat – IFCE), Fortaleza, Ceará, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Joaquim Nabuco, 1600, Aldeota, Fortaleza, CE, Brasil, CEP: 60125-055. E-mail: luizaspontello@gmail.com.

² Doutora em Educação (Unicamp). Professora do Departamento de Matemática e do Programa de Pós-graduação da UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Bolsista de Produtividade do CNPq. Endereço para correspondência: Rua Coletor Celso Werneck, 174, ap. 501, Santo Antônio, Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP: 30350-010. E-mail: mlauramgomes@gmail.com.

witnessed Cades actions in the state between 1953 and 1964 were interviewed. It was evident that Cades in Ceará had different characteristics from the rest of the country, attributed to the coordination of Lima. In addition, the Campaign contributed positively to the educational scenario in Ceará, which is attested by the interviewees in their learning and in the educational spaces they occupied throughout their career.

Keywords: Oral History. Cades in Ceará. Mathematics Teacher Education. History of Mathematics Education.

INTRODUÇÃO

O Brasil das décadas de 1950 e 1960 pode ser descrito, em grande parte, como “uma sociedade em trânsito, uma população em busca das oportunidades oferecidas pelo processo de desenvolvimento econômico” (Xavier, 2012, p. 201). O impacto dessa realidade na educação escolar fez-se sentir com o aumento da população das cidades e a necessidade de preparação dessas pessoas para efetivamente participarem como mão-de-obra nessa sociedade urbana e industrial. Havia, assim, uma crescente demanda pela escola, que exigia a reorganização do sistema educacional. Para aquele momento, a base do discurso do governo era “a adequação da escola às novas diretrizes do desenvolvimento científico e tecnológico que se operavam na sociedade brasileira” (Xavier, 2012, p. 203). Desse modo, a formação do indivíduo deveria voltar-se para a grande meta do desenvolvimento econômico e todos os outros problemas seriam, conseqüentemente, solucionados.

Cabia à educação escolar o papel de adequar o indivíduo à nova realidade nacional, de forma a prepará-lo para o “mundo moderno”. Para isso, o governo brasileiro incorporou a Educação ao Plano de Metas como um dos cinco setores em destaque. Apesar da diversidade de ideias, conceitos, argumentos e explicações a respeito da realidade nacional, havia um forte movimento no sentido da superação do subdesenvolvimento.

Visando “elaborar estudos voltados para a compreensão crítica da realidade nacional e para a produção de alternativas para o encaminhamento dos problemas brasileiros” (Xavier, 2012, p. 208), foram mobilizados dois órgãos do Ministério da Educação: o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep). O Ministério da Educação, desde 1953 separado do Ministério da Saúde e agora denominado Ministério da Educação e Cultura (MEC), tendo à frente Antonio Balbino de Carvalho Filho³ e com Armando Hildebrand⁴ na Diretoria do Ensino Secundário (Dese), deu início a diversas campanhas educacionais: Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades); Campanha de Aperfeiçoamento e Expansão do Ensino Comercial (Caec); Campanha de Erradicação do Analfabetismo; Campanha de Educação de Adultos; Campanha de Educação

³ Antônio Balbino de Carvalho Filho (Barreiras, BA, 1912; Rio de Janeiro, RJ, 1992), foi deputado federal e senador pela Bahia, cumprindo vários mandatos; foi Ministro da Educação em 1953-1954; governador da Bahia de 1955 a 1959; Ministro da Indústria e Comércio em 1963.

⁴ Armando Hildebrand (19??, Leme, SP; 1994) foi diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura (1954-1955); fundou (1954) e dirigiu a Fundação do Ensino Secundário, hoje Fundação Brasileira de Educação (Fubrae) (Lourenço Filho; Hildebrand, 2000).

Rural; Campanha de Educação de Surdos; Campanha de Reabilitação dos Deficientes Visuais; Campanha de Merenda Escolar; Campanha de Material de Ensino (Pinto, 2008).

A Cades, criada pelo decreto 34.638 de 17 de novembro de 1953 (Brasil, 1953), teve como objetivos: ajustar a educação secundária aos interesses dos estudantes e à região em que estivesse inserida e “possibilitar ao maior número de jovens brasileiros acesso à escola secundária”. O Art. 3º apresenta uma lista das ações que a Cades deveria desenvolver para a consecução de tais objetivos, entre as quais muitas eram direcionadas à formação de professores secundários. Interessou-nos neste estudo, especialmente, a oferta de cursos de orientação para professores do Ensino Secundário.

A carência de professores licenciados para esse nível de ensino no país era grande, pois as poucas faculdades de Filosofia existentes geralmente se localizavam nos grandes centros. Conseqüentemente, havia muitos professores que lecionavam no Ensino Secundário sem a certificação necessária e, desde 1946, professores que fossem aprovados em exames de suficiência poderiam ter registro no Ministério da Educação e Saúde, desde que se destinassem ao exercício do magistério em regiões onde não houvesse diplomados por faculdade de Filosofia ou não os houvesse em número suficiente. As provas – escrita, didática e prática – dos exames de suficiência seriam realizadas por faculdades de Filosofia, institutos congêneres ou por bancas indicadas pelo Departamento Nacional de Educação (Brasil, 1946). Em 1955, uma portaria do MEC (Brasil, 1955) modificou a realização dos exames, prevendo cursos intensivos, promovidos pelo Departamento Nacional de Ensino e pela Dese, antes dos exames de suficiência, para orientação dos candidatos, bem como para a prorrogação de suas licenças para lecionar. A partir dessa indicação, a Cades passou a vincular oficialmente seus cursos aos exames de suficiência. Não havia obrigatoriedade de frequência aos cursos para a realização dos exames, assim como frequentar o curso não obrigava a prestar os exames. Pinto (2008) assevera que houve um salto quantitativo em relação à aprovação de professores em exames de suficiência após os cursos preparatórios ministrados pela Campanha.

No cenário cearense, os primeiros cursos de licenciatura implantados foram os da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará (FCFC)⁵, instituição marista que iniciou suas atividades ao final da década de 1940 (Brasil, 1947). Essa faculdade ofertava diversas licenciaturas, inclusive a de Matemática, mas somente na capital. A Universidade do Ceará, posteriormente denominada Universidade Federal do Ceará, UFC, criada em 1954 (Brasil, 1954), foi a segunda instituição a oferecer um curso de Licenciatura em Matemática no estado,

⁵ A Faculdade Católica de Filosofia do Ceará (FCFC) era uma instituição vinculada à Ordem Marista, mantida pela União Norte Brasileira de Educação e Cultura (UNBEC), mantenedora da Província Marista Brasil Centro.

e o fez somente a partir de 1960 (Pontello, 2009). Já no final da década de 1960, início de 1970, foram criadas faculdades de filosofia no interior do Ceará, e desde então algumas mantiveram licenciaturas em Matemática.

Com a escassez de licenciaturas na década de 1950, o Ceará foi um dos estados da federação a necessitar de cursos emergenciais, como o da Cades, para a orientação de professores para o Ensino Secundário. Em Fortaleza, os primeiros cursos da Cades ocorreram em 1956 (A Organização..., 1955, p. 8), sob a orientação de Lauro de Oliveira Lima, que era, desde 1954, o Inspetor Seccional do Ensino Secundário no Ceará, responsável pela Cades naquele estado. No contexto descrito, acreditamos que a Cades, no Ceará, foi um caminho alternativo não só para a orientação de professores para os exames, mas para sua formação para a docência no Ensino Secundário no período pesquisado. O objetivo deste estudo é focalizar memórias de aulas de Matemática nos cursos de formação de professores da Cades no Ceará.

Na investigação que fizemos sobre a formação de professores de Matemática na Cades cearense, trabalhamos com a metodologia da História Oral, o que nos possibilitou conhecer histórias sobre a Cades, sobre pessoas que participaram de seus processos, sobre os contextos locais, regionais e nacionais nos quais a Campanha se inseriu. Entrevistamos pessoas que participaram ou testemunharam a Cades no Ceará. Entendemos, como Garnica (2015, p. 44), que

Agregar aos projetos de matriz historiográfica a perspectiva metodológica da história oral implica abraçar uma concepção ampliada e contemporânea sobre história que inclui como legítimas nesses projetos historiográficos a subjetividade e a singularidade próprias aos atores historicamente situados. Os pontos de vista (as verdades do sujeito e das outras fontes disponíveis) são postos em diálogo, sem que uma fonte seja valorada de modo diferente, posto que cada um desses recursos abre a possibilidade de conhecer perspectivas alternativas, ainda que não poucas vezes conflitantes.

Nesse sentido, a possibilidade de constituição de fontes diversas e do estabelecimento de diálogos entre essas fontes nos oportuniza olhar para o evento em estudo a partir de perspectivas distintas, proporcionando uma compreensão mais abrangente tanto do evento quanto de seus contextos. Para a pesquisa que originou este estudo, constituímos fontes a partir de relatos orais, notícias de jornais da época e outros documentos encontrados em arquivos, buscando conferir plausibilidade à discussão que desenvolvemos sobre o tema.

Apresentamos, na primeira seção, características do desenvolvimento da Cades no Ceará com destaque para o protagonismo de Lauro de Oliveira Lima. As ideias de Lima sobre o ensino da Matemática, base pedagógica dos cursos da Campanha, estão na segunda seção. Na seção três, abordamos as fontes da pesquisa e, na quatro, as memórias dos cursos de formação de professores da Cades no Ceará.

1. A CADES NO CEARÁ E A LIDERANÇA DE LAURO DE OLIVEIRA LIMA

Eu terminei o curso normal em 1959 e em 1960 fui ensinar Português no Colégio Flávio Marcílio, colégio estadual. Eu fui convidada para ensinar Português e naquele tempo não havia Faculdade de Filosofia, curso de formação de professores, a não ser em Fortaleza. Havia muito pouco, muito poucas pessoas formadas e eu fui convidada para ensinar Português. Quem ia ensinar tinha que fazer o curso de Cades, que era coordenado pelo professor Lauro de Oliveira Lima. Esse curso acontecia aqui em Fortaleza e, nas férias, todo mundo vinha para cá, do interior. As pessoas daqui da capital mesmo, que ensinavam nos colégios, nos cursinhos, tinham que fazer esse curso para receber autorização precária para lecionar. Recebiam as autorizações precárias (Maria Gilvanise de Oliveira Pontes, 15/08/2017).

A Cades funcionou porque teve grande contribuição do professor Lauro, que se dedicava à mudança dos paradigmas educacionais vigentes naquela época. Seu livro, A Escola Secundária, continha seu pensamento em relação à nova Educação (Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de Menezes⁶, 23/08/2017).

Os trechos transcritos são excertos das lembranças de duas professoras, Maria Gilvanise e Maria Isolda, sobre a Cades no Ceará. Maria Gilvanise cursou Português em 1960 e 1961 e Matemática em 1962 e 1963. Prestou o exame de suficiência de Português em 1961 e o de Matemática em 1963. Maria Isolda, embora não tenha tido vínculo direto com a Cades, participou de seu contexto por ter sido professora no Colégio Agapito dos Santos, escola criada em 1952 e dirigida por Lauro de Oliveira Lima em Fortaleza. Nessa condição, foi membro das caravanas pedagógicas promovidas na Cades cearense como ações que visavam qualificar especialmente os professores do interior do estado.

O cearense Lauro de Oliveira Lima (1921-2013) foi imediatamente recordado por Maria Gilvanise e Maria Isolda, nas entrevistas concedidas a Pontello (2020) para sua investigação sobre a formação de professores de Matemática na Cades cearense. Nascido em Limoeiro do Norte, Lima formou-se em Direito, mas dedicou sua vida profissional à Educação. Foi professor de Latim e Francês no Ginásio Municipal de Fortaleza e em 1945 foi aprovado no concurso do MEC para Inspetor Federal de Ensino. Armando Hildebrand, Diretor de Ensino Secundário do MEC, convidou-o, em 1953, para assumir a Inspeção Seccional do Ensino Secundário no Ceará. Foi a partir desse momento que Lauro, que permaneceu no cargo até 1963, passou a liderar as ações da Cades em seu estado.

Além de coordenar os cursos ministrados nas férias escolares para preparar professores não diplomados em cursos de licenciatura para todas as disciplinas do ensino secundário, uma

⁶ Em todo o texto, excertos das falas de pessoas entrevistadas em nossa investigação são destacados com o uso do itálico.

das ações comandadas por Lauro de Oliveira Lima foi enviar um grupo de professores para trabalhar na capacitação de outros professores e na qualificação das escolas de ensino secundário no interior. Eram as caravanas pedagógicas, que constituíram, na visão da professora Maria Isolda, um grande investimento na formação dos professores do interior, proporcionado pela Cades.

Pensando o grupo, esse grupo junto com o Lauro, em relação à Cades era mais uma ação de que alguns participaram, outros não. Mas o grupo ia para o interior, como já falei, trabalhar nas escolas públicas, pois ele era o Inspetor Seccional do Estado. Por isso eu acho que a Cades foi muito importante. Porque todo esse trabalho foi graças à Cades. E o Lauro pensou em estender esse trabalho para o interior. Isso foi um trabalho muito bonito que ele fez, a gente sabe que não existem caravanas de educação mais. Nós éramos uma Caravana de Educação. Todos os professores quando iam para o interior ficavam num hotel. Todo mundo ali trabalhando para fazer o trabalho com toda a comunidade. Juntava todo mundo da comunidade para fazer o trabalho (Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de Menezes, 23/08/2017).

O nome de Lauro de Oliveira Lima é comumente associado ao psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), porque o cearense se tornou um dos principais disseminadores das teorias piagetianas sobre o desenvolvimento da inteligência. Para Piaget, a inteligência é o mecanismo de adaptação do organismo a uma situação nova, que implica a construção contínua de novas estruturas, o que significa dizer que a inteligência humana é construída tendo em vista a interação entre o meio, pelos estímulos que oferece, e o indivíduo, pelo seu potencial genético e de maturação (Bello, 2010).

De acordo com Lima (1966), em Fortaleza foi constituída, sob sua orientação, uma equipe de capacitação de professores. Esses professores atuavam não somente na Inspetoria Seccional, mas no Instituto de Educação do Ceará e no Colégio Agapito dos Santos. Eram mais de 60 docentes, que compuseram o grupo denominado *Capita Plana*, expressão que pretende traduzir em latim a expressão “cabeça chata”⁷. O grupo “se empenhou nessa memorável campanha (Cades) percorrendo o país de ponta a ponta, sendo todo constituído por professores cearenses” (Lima, 1962, p. 9).

Hipólito Peixoto, um dos colaboradores da pesquisa, rememorou:

foi criado aqui em Fortaleza aquele grupo Capita Plana. [...] Grupo de formar grandes professores. Eu fazia parte desse grupo. Era um grupo de estudos para a introdução da Psicologia Genética aqui no Ceará. Eram os Cabeças Chatas (Hipólito Peixoto de Oliveira, 17/08/2017).

⁷ Encontramos várias tentativas de explicação para a associação do termo “cabeça-chata” aos cearenses. Algumas se remetem a características étnicas, outras se relacionam à diferenciação de grupos oponentes em batalhas antigas e ainda há aqueles que buscam explicações mais jocosas e desqualificadoras (Barroso, 2017). Independentemente de sua origem, a expressão tem forte apelo negativo. Entretanto, o cearense é conhecido por sua veia cômica, basta ver como os humoristas cearenses, em diferentes épocas, alcançam sucesso. Essa nos parece ter sido a escolha do grupo *Capita Plana*, isto é, inverter o cunho pejorativo e preconceituoso da expressão dando a ela uma forma elegante e culta para nomear uma equipe de estudiosos.

Maria Isolda ressaltou a ligação de Lauro com a obra de Piaget, seu empenho por sua divulgação e sua preocupação com a formação de professores.

O Lauro foi uma das pessoas que divulgou aqui no Ceará, e até no Brasil, a obra de Piaget. Muitos de nós desconhecíamos, não sabíamos, não tínhamos ideia quando ele insistiu em que a gente o conhecesse. Uma concepção de educação de que para fazer a formação do pensamento eram necessários todos os subsídios teóricos que a obra de Piaget nos dava. Então começamos a fazer reuniões quinzenais com essa equipe do Agapito dos Santos. Acho que final de 50 (1950). As datas eu não sei muito bem. Depois, Lauro foi para a Diretoria do Ensino Secundário, daí teve contato com a Cades e começou o seu trabalho com a Cades. O que eu acho de fundamental importância era a preocupação dele com a formação dos professores, isso era seu objetivo maior (Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de Menezes, 23/08/2017).

Hipólito, que foi professor de Didática de Matemática na Cades cearense, enfatizou sua compreensão da relação íntima da disciplina com a obra de Piaget.

Eu acredito que o Lauro, a corrente do Lauro, a teoria de Jean Piaget, tinha como fundamento que a Matemática é a matéria do pensamento. É a matéria do pensar, para desenvolver a capacidade reflexiva. Você tem que desenvolver a capacidade reflexiva do indivíduo e a ferramenta para isso é a Matemática. Só existe uma ciência que faz com que o indivíduo desenvolva a capacidade reflexiva dele. É você envolvê-lo na Matemática (Hipólito Peixoto de Oliveira, 17/08/2017).

Na sequência, veremos como a obra de Lauro reflete suas concepções sobre o ensino de Matemática.

2. LAURO DE OLIVEIRA LIMA E O ENSINO DE MATEMÁTICA

Lauro de Oliveira Lima estudou a aplicação da psicogênese do conhecimento, inicialmente, em todas as áreas do conhecimento integrantes do Ensino Secundário. Nesses estudos, expôs sua concepção a respeito do papel de cada uma das disciplinas na formação dos adolescentes e jovens.

No prefácio do livro *Estudo Dirigido de Matemática* (Brasil, 1964), ele explicita que, de acordo com a teoria psicogenética de Piaget, o pensamento abstrato é uma capacidade humana, o que explica o surgimento da técnica (Matemática). Só é possível ao ser humano a construção,

como instrumento de trabalho mental, de uma técnica que corresponda à sua própria essencialidade funcional. [...] a forma de ‘ação matemática’, isto é, a forma de pensamento operatório, pois, há de ser, fundamentalmente, comum a todos os seres humanos normais (Lima, 1964, p. 7).

Esclareceu, nesse sentido, que a ausência da aprendizagem de Matemática na escola não pode ser parâmetro para a “normalidade” dos alunos. O fracasso escolar nessa disciplina deveria ser atribuído à Didática. Aprender Matemática, para Lauro, não se limitava ao domínio de

automatismos, como ter a capacidade de recitar a tabuada; a aprendizagem vincula-se à capacidade de desenvolver raciocínios e formas de pensamento tipicamente matemáticos.

No projeto *Escola Secundária Popular* (1962), Lima propôs a Matemática como uma das cinco disciplinas básicas obrigatórias, com quatro aulas semanais, juntamente com Vernáculo e Literatura, História e Educação Cívica, Geografia, Problemas Sociais e Econômicos e Ciências. Identifica o papel da Matemática no curso proposto:

Matemática: (Aritmética, Álgebra e Geometria) ministrada inicialmente em bases concretas (para atender à necessidade da inteligência motora em desenvolvimento), será a disciplina de formação progressiva do pensamento abstrato e do pensamento hipotético-dedutivo, apanágio do estágio final da maturação intelectual (Lima, 1962, p. 368-369).

O autor complementou essa ideia no projeto *Uma Escola Secundária Popular de Base Profissional* (Lima, 1962, p. 380), associando a Matemática ao “treinamento para o pensamento abstrato e aquisição de uma linguagem científica e de precisão”. Em outro trabalho, Lima destacou a natureza dos objetos matemáticos, que são considerados abstratos. Logo, operar com objetos matemáticos é uma operação do pensamento.

Pode-se dizer, portanto, que a Matemática é uma “linguagem” altamente purificada, desligada dos símbolos dos objetos e ligada aos símbolos das relações. Mas, foi manipulando objetos que o homem descobriu as leis que regulam suas relações. Não se deve, pois, ensinar Matemática sem esta manipulação real ou imaginada, pelo menos enquanto o aluno não tiver a posse plena dos esquemas operatórios (abstratos) (Lima, 1964, p. 14).

Nesse sentido, caracterizou os professores de Matemática como “professores de pensamento”. Para o autor, até os 12, talvez 15 anos de idade o pensamento operatório na criança não está plenamente desenvolvido. É, então, responsabilidade do professor ensiná-las a pensar, proporcionando, por meio do correto ensino da Matemática, a “utilização do pensamento operatório, só alcançável através de esforço e de situações adequadas” (Lima, 1964, p.13).

Sugeriu, ainda, que o desenvolvimento histórico de um conteúdo matemático deveria ser recapitulado como técnica pedagógica, considerando que a “filogênese desta ciência serve como processo didático para a ontogênese da aprendizagem atual de operações que, através do tempo e de sistematizações, se tornaram altamente sintéticas” (Lima, 1964, p. 11). Para o autor, os processos matemáticos são resultado de sucessivas simplificações de “longas e enfadonhas operações” e, mesmo abreviadamente, os procedimentos históricos usados na construção dessas relações deveriam ser apresentados aos educandos até que eles sentissem a necessidade de simplificar tais procedimentos. É a ideia de que a ontogênese repete a filogênese, ou o princípio recapitulacionista⁸ (Miguel & Miorim, 2004).

⁸ Esse princípio, herdado da Biologia, conforme Miguel e Miorim (2004), se insere também na Psicologia, na Antropologia e na Sociologia, tendo sido empregado por Piaget em seus trabalhos. Em sua versão pedagógica, o recapitulacionismo “considera

Nas palavras do autor do Ceará, “o melhor seria, talvez, reconstituir-se, didaticamente, em classe, a marcha assimilativa da humanidade na construção dos campos científicos” (Lima, 1962, p. 288). Em mais de um texto, indica o uso desse princípio como ferramenta didática, destacando-o como benéfico ao processo de aprendizagem. Não há, de modo aprofundado, uma discussão sobre as justificativas para esse uso nem sobre os benefícios esperados. Parece-nos que Lauro de Oliveira Lima considera natural o paralelismo entre o desenvolvimento da inteligência na criança e o desenvolvimento da inteligência na espécie. Historicamente, essa ideia foi bastante aceita pelos educadores brasileiros da primeira metade do século XX (Miguel & Miorim, 2004).

Para exemplificar a proposta, Lima (1962, p. 288), questiona:

A Geometria nasceu às margens do Nilo por necessidades práticas e elementares. Qual seria a melhor forma de ensinar essa disciplina: a) tomar a ordem de um tratado em que a Geometria se apresenta como sedimentação lógica de milênios de estudo, ou b) reproduzir em classe a problemática elementar e objetiva que lhe deu nascimento? (Lima, 1962, p. 288).

Na sequência das prescrições, o autor alterna entre propostas recapitulacionistas e outras que promovam a aproximação do conteúdo ao contexto de significação da criança no mundo, e ainda chama a atenção para a observância de uma ordem de aprendizagem que respeite os esquemas de assimilação do educando. Aquilatamos que o autor confere prioridade à argumentação sobre o uso dos conceitos de acomodação, progressividade e esquemas de assimilação, como destacamos no excerto a seguir.

Assim como a criança – a partir dos esquemas **hereditários** – construiu seu campo experiencial (aprendizagens) por assimilação e acomodação rigorosamente graduadas, seriadas e em seqüência (campos assimilativos) – assim o professor deverá fazer de cada aprendizagem **anterior** o esquema de assimilação da aprendizagem **posterior**, independentemente da aparente necessidade de guardar a ordem lógica do “tratado”. (A subtração segue-se, na ordem da aprendizagem, à soma – não por uma necessidade lógica, mas por ser “a operação inversa da soma” perfeitamente assimilável (com acomodação) pelos esquemas adquiridos (aprendidos) (Lima, 1962, p. 288).

Outro aspecto considerado relevante para uma didática da Matemática é o combate ao ensino de automatismos. Em primeiro lugar, porque os automatismos já lidam com os processos sintéticos, ou seja, com o resultado das sucessivas simplificações que os conteúdos teriam sofrido ao longo de seu processo histórico de construção. Em segundo, porque os automatismos são uma contrafação da própria essência da Matemática, que se desenvolve por meio do pensamento operatório. Por ser a disciplina que por excelência desenvolve esse tipo de raciocínio, a simplificação dos processos não ensinaria o aluno a pensar.

que todo indivíduo, em sua construção particular do conhecimento, passaria pelos mesmos estágios que a humanidade teria passado na construção desse conhecimento” (Miguel & Miorim, 2004, p.40).

Lauro de Oliveira Lima se refere ao autor do *Estudo Dirigido de Matemática*, Luís Alberto Santos Brasil, professor de Matemática, como o líder intelectual da equipe *Capita Plana*. Para Lima (1964), era natural que o professor de Matemática assumisse a liderança do grupo que buscava uma formulação didática com base na epistemologia genética de Piaget, ou seja, “não poderia ser, senão, o pensamento matemático, a chave de uma Didática que pretendesse facilitar a maturação do pensamento operatório” (Lima, 1964, p. 9). Lima postulava que só a Matemática dá ao pensamento sua plena operacionalidade e, assim, os docentes de outras áreas procederiam, quase sempre, em suas disciplinas, a uma aplicação do que se construísse como didática da Matemática. Ele acentuou, ainda, que a leitura dos textos mais complexos de Epistemologia Genética pelos *Capita Plana* era guiada por Brasil, em especial quando “envolviam conceitos de Matemática superior, inacessíveis à maioria dos participantes do grupo” (Lima, 1962, p. 5).

Como teriam repercutido essas ideias na formação de professores de Matemática na Cades cearense?

3. A CADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO CEARÁ:

Fontes

A Cades esteve ativa no Ceará no período de 1953 a 1971. No primeiro decênio, a Campanha esteve sob o comando de Lauro de Oliveira Lima, que havia sido nomeado Diretor de Ensino Secundário do MEC em 1963. Lauro foi perseguido pelo governo instaurado no Brasil a partir do golpe de 1964⁹. Tendo concluído a mudança da Dese, que funcionava anteriormente no Rio de Janeiro, para Brasília, já residia na capital federal, mas foi preso em Fortaleza e exonerado de suas funções, inclusive no Instituto de Educação e na Inspeção do Ensino Secundário no Ceará. Seu livro *A Escola Secundária Moderna* foi proibido e lhe foi vetada qualquer função pública, o que se estendeu aos membros de sua família.

A maior parte da documentação escrita a respeito da Cades cearense, que inclui jornais, arquivos públicos e fotografias, está concentrada no período 1953-1964, ao qual se refere nossa investigação. Os arquivos visitados foram o Arquivo Intermediário do Estado do Ceará e o Arquivo Central do MEC, que ofereceram um número pequeno de informações, entre as quais

⁹ Após o golpe militar, possivelmente com um breve intervalo de transição, os cursos de orientação de professores da Cades passaram a ser ministrados pela Universidade Federal do Ceará, conforme indica Barroso Júnior (2015).

estão os nomes de alguns professores que lecionaram nos cursos promovidos pela Cades, sem, no entanto, indicação sobre a área na qual atuavam. O que se verificou nesses espaços foram dificuldades relacionadas à guarda e ao descarte de documentos, que, conforme Bacellar (2008), deveria estar confiada a comissões. Essa, porém, não é a realidade das instituições. O depoimento de Ana Elizabeth Santos de Oliveira Lima, filha de Lauro de Oliveira Lima, exemplifica o que pode ocorrer. Ao falar das ações do pai na Diretoria de Ensino Secundário do MEC, ela comentou que ele havia sido responsável pelo descarte de documentos no Ministério.

Outra coisa que o papai fez no Ministério foi jogar papel velho fora. Todas as provas do Ensino Secundário iam para o Ministério. Papai disse que ficava um monte de salas cheias de provas até o teto. E ele questionava a serventia daquilo. Ele acreditava que nunca mais ninguém ia olhar aquilo. Os meninos que haviam feito aquelas provas já estavam todos envelhecidos, ele não via sentido em guardar aquilo. Mandou chamar uma empresa e tocar fogo em tudo. A senhorinha que tomava conta dizia: – “Esse homem é um louco. Está queimando a história”. Papai disse: – “Isso não é história, isso não é nada, ninguém vai ver nunca mais isso”. Liquidou toda aquela bagunça que ficava ali com um monte de gente para cuidar... aquilo não era nada! (Ana Elizabeth Santos de Oliveira Lima, 08/03/2018).

Independentemente do mérito da ação, essa foi uma decisão pessoal e não de uma comissão, como aponta Bacellar (2008). Nem mesmo foi tomada em acordo com a arquivista ou com quem “tomava conta” do acervo. Apesar de ser um depoimento indireto e que pode conter equívocos factuais, a fala de Ana Elizabeth apresenta uma crença pessoal de Lauro de Oliveira Lima sobre a forma de lidar com documentos ou “papéis velhos”.

Dois jornais cearenses, *O Nordeste* e *A Gazeta de Notícias*, publicaram notícias sobre a Cades entre janeiro de 1956 e fevereiro de 1964. Essas notícias veicularam algumas informações gerais a respeito dos cursos, que abrangiam, quase sempre, todas as áreas do ensino secundário, e do número de professores que os frequentaram, chamados alunos-mestres. Também atestam que houve cursos de Matemática em 1957, 1959, 1960 e 1961, com o destaque que, tendo em vista a existência, desde 1947, do curso de licenciatura na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará (FCFC) em Fortaleza, somente poderiam se matricular alunos-mestres¹⁰ do interior do estado.

Em algumas notícias, foram publicadas informações sobre os professores responsáveis pelas disciplinas: em 1957, para o curso de Matemática foram escalados “os professores Dr. Valdo Rios (Didática) e Ari de Sá Cavalcante (Conteúdo)” (*O Curso...*, 1957, p. 2); em 1960, a Matemática contou, em Fortaleza, com os professores Roberto Peixoto e Paulo Ayrton de

¹⁰ Denominação dada aos professores que eram alunos de cursos da Cades.

Araújo e, no Crato¹¹, os professores da área foram Padre David Moreira e Nilson de Oliveira (Inspetoria..., 1959, p. 3); em 1961, os professores de Matemática foram, em Didática, Luís Alberto dos Santos Brasil, e em Conteúdo, Francisco de Melo Jaborandi (Cêrca..., 1961, pp. 5-7).

O professor Valdo Rios (Valdo Vasconcelos Rios) era docente do Instituto de Educação do Ceará; os professores Ari de Sá Cavalcante e Luís Alberto dos Santos Brasil são membros do grupo Capita Plana, conforme relação publicada no livro *A Escola Secundária Moderna* (Lima, 1962); Paulo Ayrton de Araújo, ex-professor do Colégio Militar do Ceará, e Francisco de Melo Jaborandi, diretor do Liceu do Ceará na década de 1960, foram citados também pela professora Ana Bezerra em seu depoimento a Pontello (2020). O Padre David Augusto Moreira era cientista e músico, professor de Física, Química e Matemática. Conforme Santos (2011, p.80): era “respeitado pela sua inteligência privilegiada e apreciável talento para a música, tocava vários instrumentos e pelo grande conhecimento e curiosidade na área das Ciências”.

Os jornais abordaram ainda a participação de professores de outros estados, como alunos-mestres, nos cursos da Cades em Fortaleza, notadamente do Piauí, Maranhão e Rio Grande do Norte, bem como se referiram à participação de religiosos e religiosas nos cursos.

Dados publicados nos Anuários Estatísticos do Brasil de 1950, 1956, 1965 e 1970, relativos aos números de unidades escolares e professores no ensino secundário no Ceará, possibilitam perceber o crescimento tanto do número de escolas quanto do de docentes. No período coberto por nossa pesquisa, de 1954 a 1963, a Cades contribuiu para reduzir a carência de professores cearenses no nível secundário, tendo o número de unidades escolares crescido menos do que o de professores. Enquanto o número de professores aumentou 154%, o de unidades escolares cresceu 135%.

Foram entrevistados, com o aporte da História Oral, seis professores, vinculados de diferentes modos à Cades no período 1953-1964. Duas professoras foram alunas dos cursos da Cades, duas outras testemunharam as ações da Campanha a partir de diferentes perspectivas e os dois últimos foram professores nesses cursos. As narrativas desses professores foram construídas muitos anos depois de suas experiências, tendo todos eles desenvolvido, ao longo desse tempo, carreiras importantes como professores. Em vista disso, não houve distinção no tratamento de seus relatos.

¹¹ Crato é uma das cidades que compõem a Região Metropolitana do Cariri (RMC). Essa região está localizada no sul do Ceará e agrega, além do Crato, os municípios de Juazeiro do Norte, Barbalha, Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri.

A professora Maria Gilvanise de Oliveira Pontes, referida neste texto, frequentou, como aluna-mestra, cursos de Português (1960 e 1961) e de Matemática (1962 e 1963) da Cades. Foi professora da Educação Básica em Russas, CE, nas redes privada e pública. Ana Maria Maciel Bezerra, também aluna-mestra, fez Cades em Matemática, inicialmente, em 1958, não prestando o Exame de Suficiência. Posteriormente, fez novamente o curso, na companhia de Maria Gilvanise. Prestaram juntas o Exame em 1963. Foram colegas de trabalho em Russas e Ana Bezerra permaneceu atuando na Educação Básica como professora e, posteriormente, supervisora. Maria Gilvanise migrou para o Ensino Superior, atuando na formação de professores na Universidade Estadual do Ceará, Uece.

Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de Menezes, que também mencionamos, compunha o *Capita Plana*, com participação ativa nos estudos piagetianos desenvolvidos no grupo. Maria Isolda não foi aluna ou docente dos cursos para professores da Cades, mas as ideias pedagógicas implementadas neles foram gestadas nesse grupo, o que a coloca como partícipe, mesmo que indiretamente.

A professora Ana Elizabeth Santos de Oliveira Lima, lembrada também neste texto, é filha de Lauro de Oliveira Lima. Apresentou-nos, em sua entrevista, suas memórias da época do pai na Cades. Outra perspectiva apresentada por ela foi a da implementação do Método Psicogenético, metodologia educacional criada por seu pai em bases piagetianas enquanto atuava na Cades, na escola A Chave do Tamanho¹².

Hipólito Peixoto de Oliveira participou, inicialmente, como aluno no curso para a formação de secretários escolares, ofertado pela Cades possivelmente em 1955. Segundo seu depoimento, no ano seguinte, primeiro ano de oferta do curso pela Cades em Fortaleza, cursou Matemática. O registro docente obtido nesse curso permitiu que assumisse a disciplina de Didática da Matemática na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará e na própria Cades. Era professor de Matemática no Colégio Agapito dos Santos.

Outro de nossos colaboradores foi o professor Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes. Sua formação docente foi feita na UFC, nas licenciaturas em Letras Neolatinas (1956-1960) e Pedagogia (1961-1965). Vinculou-se à Cades como professor de Didática de Língua Estrangeira nos cursos de orientação docente, no período de 1961 a 1963. Foi professor do Ensino Secundário no Colégio Agapito dos Santos e em outras escolas da rede privada de Fortaleza, no final da década de 1950 e início da de 1960. Tendo sido aluno de Piaget no curso

¹² Escola de Educação Infantil e Fundamental criada por Lauro de Oliveira Lima e sua família no início da década de 1970, na cidade do Rio de Janeiro.

Formação de Professor de Francês no Estrangeiro, na Sorbonne, foi um importante suporte aos colegas nos estudos desenvolvidos no *Capita Plana*.

Ao priorizarmos os relatos orais, entramos no espaço do inesperado. Mesmo assim, construímos roteiros para as entrevistas com o intuito de que fossem muito mais um início de conversa do que um guia. Havia alguns aspectos, conhecidos previamente por nós, que gostaríamos que fossem abordados e, além disso, acreditávamos que poderia ser importante, em algum momento, colaborarmos com os entrevistados, ativando sua memória. Assim, a elaboração de roteiros pareceu-nos relevante, apesar de buscarmos uma maneira de não direcionar ou limitar a fala dos colaboradores, possibilitando que sua memória fluísse de modo mais livre durante a conversa.

No encontro com os colaboradores, lhes entregamos para leitura a Carta de Apresentação, com informações básicas sobre a pesquisa, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE, documento que esclarece os princípios éticos na pesquisa que envolve pessoas. As entrevistas foram gravadas e os áudios foram transcritos. A partir das transcrições, compusemos textos, chamados textualizações, em que foram suavizadas marcas da oralidade e eliminadas repetições excessivas. Fizemos, ainda, esclarecimentos em nota de rodapé, sempre que possível, quanto a regionalismos e termos ou expressões não comumente usadas. Identificamos referências a pessoas, lugares, obras, dentre outros.

As textualizações foram encaminhadas aos/às entrevistados(as), que, livremente, fizeram observações e correções que julgaram necessárias. Essas alterações foram incorporadas aos respectivos textos e reencaminhadas aos/às colaboradores(as). Esse processo se repetiu quantas vezes cada um(a) deles/delas julgou necessário. Findo esse procedimento e estando a textualização aprovada por ele ou ela, obtivemos a assinatura da Carta de Cessão de Direitos.

A História Oral, usada na pesquisa de acordo com o descrito, compôs, diretamente, memórias do funcionamento da Cades no Ceará. No cotejamento das narrativas dos colaboradores com outras fontes, constituímos nossas compreensões sobre as ações e impactos da Campanha na formação de professores de Matemática no contexto cearense da época em estudo.

4. MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA CADES CEARENSE

Compreendemos que construir histórias usando memórias é participar de uma reconstituição que o sujeito faz de si, no exercício de narrar-se. É compor com ele um espaço em que o sujeito “explica-se e dá indícios, em sua trama interpretativa, para compreensão do contexto no qual ele está se constituindo” (Garnica, 2003, p. 16). O que aconteceu renova seus significados conforme as compreensões atualizadas de quem vê ou revê esse acontecido. Revisitar o passado é ressignificar o vivido. Da mesma forma, esse retorno possibilita outras compreensões do presente, atribuindo-lhe novos significados.

Ao relatar suas histórias sobre a Cades, os colaboradores da pesquisa expuseram suas perspectivas sobre as ações formativas da Cades tendo em vista a experiência vivida naquele momento. Contudo, suas narrativas trouxeram as compreensões que têm hoje, com o aporte do vivido desde então. São excertos dessas histórias que aqui apresentamos, memórias de suas salas de aula na Cades.

Maria Gilvanise relembrou a Cades como o caminho para aqueles que desejavam lecionar no Ceará. Em excerto destacado anteriormente neste texto, afirma que a participação em cursos da Cades era condição para o professor não licenciado assumir turmas no Ensino Secundário. Segundo ela, “*as pessoas daqui da capital mesmo, que ensinavam nos colégios, nos cursinhos, tinham que fazer esse curso para receber autorização precária para lecionar*” (Maria Gilvanise de Oliveira Pontes, 15/08/2017).

Esses cursos da Cades tiveram, no Ceará, uma organização muito parecida com a de outras localidades brasileiras. Como eram direcionados, mais especificamente, para atender a necessidade de regulamentação da situação profissional de professores em exercício, por meio dos exames de suficiência, realizavam-se nos períodos de férias escolares, com aulas durante todo o dia e, em alguns momentos, encontros à noite. Maria Gilvanise relatou:

O curso era em janeiro, em geral, aula o dia todo e até à noite, às vezes manhã, tarde e noite. Tinha turma das 14 disciplinas do currículo: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Francês, Inglês, Música, Desenho Geométrico, Inglês eu já disse, Latim, eram as 14 disciplinas do currículo e cada turma tinha dois professores, um professor de conteúdo e um professor de didática (Maria Gilvanise de Oliveira Pontes, 15/08/2017).

O Nordeste (Cêrca..., 1961, p. 5-7) apresenta informações sobre a estrutura e metodologias adotadas nos cursos para aquele ano:

Os cursos foram planejados com a duração de 4 semanas completas, no período compreendido entre 09 de janeiro a 04 de fevereiro, com 8 horas diárias de trabalho, compreendendo trabalhos teóricos e práticos – aulas, conferências, círculos de estudo, aulas práticas, pesquisas, excursões culturais, ‘enquetes’, atividades de socialização etc.

Hipólito rememorou, também, como eram organizados os cursos.

Normalmente, o curso da Cades era para ser a partir de julho. Eles aproveitavam os meses de férias. Julho começava, mês de julho muito intensivo, depois os três últimos meses do ano, dezembro, janeiro e fevereiro, quando começavam as aulas. Mais ou menos esse período, variava. Teve vez que não era, não. E era manhã, tarde, era quase manhã, tarde e noite, era um curso muito sério, muita formação, muita coisa (Hipólito Peixoto de Oliveira, 17/08/2017).

Especialmente no relato do professor Hipólito, observamos a intensidade da relação mantida com o curso. Não tivemos qualquer informação sobre cursos da Cades, em Fortaleza, em dezembro. As referências ao mês de fevereiro aludiam a alguns dias que completavam a carga horária iniciada em janeiro. Porém, Hipólito ressaltou que os cursos eram muito intensivos, o que pode tê-lo levado a refazer, na memória, esse período de duração. Em suas lembranças, era muito trabalho, muito conteúdo, muita formação e o tempo demandado seria, portanto, superior a um mês.

A memória tem papel relevante nesse ponto. Bosi (1979, p. 17) esclarece:

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Nossos colaboradores relataram experiências vividas na sua juventude, período em que estavam terminando o Ensino Secundário e iniciando a vida profissional docente. Tinham, na época, entre 18 e 25 anos. As narrativas carregam toda a experiência constituída desde então e buscam estabelecer uma identidade entre aquele eu que participou dos cursos da Cades e o eu de quase 60 anos depois.

Ao considerarmos os cotejamentos entre os diversos relatos entre si e desses relatos com as notícias de jornal, entendemos que, em geral, os cursos da Cades tinham a duração de um mês, ministrados em janeiro ou julho, com carga horária de oito horas diárias, além de atividades em algumas noites e aos sábados. Eram cursos preparatórios para os Exames de Suficiência e os alunos-mestres eram orientados pelos professores sobre sua submissão aos exames.

Maria Gilvanise contou sua experiência com os exames.

Porque a Cades era assim, a gente fazia o primeiro ano, eles davam a autorização precária para ensinar durante um ano. Em janeiro do ano seguinte, ia fazer de novo. Aí, se a gente estivesse madura suficientemente, os professores nos aconselhavam a prestar exame. Em 60, a Irmã, do Patronato de Russas, me indicou para fazer o curso de Cades em Português, pois era a vaga que o colégio tinha. Na primeira vez em que eu fiz, recebi a licença precária e na segunda vez fui aconselhada a prestar exame. Eu prestei exame e tenho registro de Cades em Português de 1961 (Maria Gilvanise de Oliveira Pontes, 15/08/2017).

Apesar de focar a realização de exames, os cursos da Cades em Fortaleza parecem ter ido além dessa preparação. No contexto estudado, acreditamos que a Cades foi um caminho alternativo não só para a orientação de professores para os exames, mas para sua formação para a docência no Ensino Secundário. O professor Hipólito salientou o objetivo da Cades de qualificar pedagogicamente os professores não licenciados.

Então, o Curso da Cades buscou resolver essa anomalia e dar aos que estavam ensinando uma formação pedagógica. Partia do princípio de que ele era professor de, por exemplo, Matemática do segundo grau, então ele sabia Matemática bem. Mesmo que fosse aquela Matemática que ele faz de tal maneira que complica as coisas para poder ele ser o bom. Então, o professor de Matemática, tinha que ter essa formação [pedagógica] muito intensiva (Hipólito Peixoto de Oliveira, 17/08/2017).

Na época, o deslocamento para a capital a fim de desenvolver estudos em nível superior era muito difícil, devido aos custos e à falta de estrutura. Dessa forma, os cursos, prioritariamente direcionados à orientação dos alunos-mestres para os exames de suficiência, foram, praticamente, o único espaço de formação de professores secundaristas para atuar no interior do estado, durante o período em estudo.

Os relatos expuseram, também, aspectos da sala de aula dos cursos. Ana Bezerra contou:

O curso [da Cades] constava de tarefas, exposição de aulas por parte dos professores ministradores, um que era de metodologia e o outro da parte de conteúdo. Era uma dupla: Professor Chaves¹³ e Professor Peregrini, que vinham do Rio Grande do Sul (Ana Maciel Bezerra, 31/08/2017).

Maria Gilvanise também rememorou as disciplinas, métodos e materiais usados no curso.

Na Cades, a gente usava esse livro em forma de apostila, esse A Escola Secundária Moderna¹⁴. Essa parte de didática ele utilizava, ele ainda era apostila. Quando foi em 62 ele publicou a primeira edição, eu acho que é essa que você conseguiu no sebo. O que eu tenho é da Fundo de Cultura, eu comprei em 92 em Campinas, quando eu estava fazendo o doutorado. Também encontrei num sebo, é um livro muito bom. E na Matemática não tinha material. Na Matemática os professores davam aula de conteúdo de Matemática e de Didática da Matemática. As aulas de didática eram muito em cima das aulas que os alunos davam e os professores faziam a crítica, davam sugestões. Você tinha que fazer um plano de aula e entregava. Conteúdo de Matemática e Didática da Matemática. Eram dois professores. E tinha Didática Geral que era baseada nesse livro do Lauro de Oliveira. E a Didática da Matemática, nas aulas que nós dávamos e os professores faziam a crítica da aula. Na crítica eles davam sugestões de como deveriam ser as aulas. Tinha um tipo de material que a gente fazia, que era o Dossiê. Quando a gente chegava em casa, registrava tudo que tinha feito de manhã e de tarde e dava para o professor. Tinha um dossiê de acompanhamento, era uma coisa também muito interessante (Maria Gilvanise de Oliveira Pontes, 15/08/2017).

A Escola Secundária Moderna, livro publicado por Lima em 1962, foi tema de vários relatos. A apostila que antecedeu o livro era usada na disciplina de Didática Geral, como Maria Gilvanise explicitou. Ela considera que as ideias do livro permanecem atuais, ou até mesmo

¹³ Encontramos referência ao professor João Gabriel Chaves em Baraldi e Gaertner (2013) como autor do livro *Didática da Matemática*, publicado pela Cades em 1960. Não localizamos informações sobre o professor Peregrini.

¹⁴ Lima (1962).

inovadoras ainda na atualidade. Hipólito também citou o uso do livro, comparando-o a outros presentes na Cades:

Esse livro aqui do Lauro de Oliveira Lima foi uma bíblia - Escola Secundária. Esse livro aqui, professora, é uma relíquia. Deixa eu ver esse aqui: Didática da Matemática da Maria Edmée¹⁵. Esses livros aqui, eu acho que não usamos. Sabe por quê? Eu não sei, não me lembro bem, porque foi uma guerra entre a teoria de Piaget e o ensino tradicional. Esses livros eram muito... como é que se diz... meticolosos: "faça isso" ou "não pode ter isso nas suas aulas". Numa linha mais tradicional. Realmente, esse livro aqui é excelente, professora! Pela data, a senhora deve notar (Hipólito Peixoto de Oliveira, 17/08/2017).

A orientação pedagógica emanada da Diretoria do Ensino Secundário para a Cades era baseada na Escola Nova e adquiriu contornos diversos em todo o território nacional. No Ceará, devido à coordenação de Lauro de Oliveira Lima, os cursos assumiram características piagetianas. Pelos relatos, nota-se que esse direcionamento foi bem aceito e impactou positivamente os nossos colaboradores. A professora Maria Gilvanise fez questão de evidenciar o que diferenciava o curso em relação ao usual na época em termos de metodologia:

E a aula de conteúdo de Matemática era conteúdo mesmo, mas discutindo em cima de metodologia, era muito imbricado, conteúdo e método. Era bem inovador. Era isso na década de 60, os professores eram muito bons (Maria Gilvanise de Oliveira Pontes, 15/08/2017).

Maria Gilvanise avaliou sua ação pedagógica a partir do aprendizado nos cursos, tanto de Português quanto de Matemática, que fez na Cades:

E foi muito importante para mim porque quando cheguei em Russas e fui dar aula, eu procurava fazer trabalho de grupo. Ele [Lauro de Oliveira Lima] sugeria muito, nesse livro ele já sugeria trabalho de grupo, sugeria muita coisa. Eu acho esse livro "A Escola Secundária Moderna" um livro muito, muito atual (Maria Gilvanise de Oliveira Pontes, 15/08/2017).

Hipólito assim relatou sua percepção sobre essa formação:

Eu fui professor da Cades com uma certa antecedência. Mas logo, por essa minha formação pedagógica, didática, dentro da corrente [piagetiana], eu fui designado. Já foi cedo, 60, 62, mais ou menos. Já fui 60 anos professor. O curso da Cades foi fundamental para criar bons professores, mas também criou muitos inimigos. Como sempre nesse país. Quando você cria uma coisa boa, vem alguém para acabar (Hipólito Peixoto de Oliveira, 17/08/2017).

Na compreensão de Maria Isolda, Lauro de Oliveira Lima, com a introdução da teoria de Piaget nos estudos dos *Capita Plana* e nos cursos da Cades, fez uma revolução no pensamento educacional daquela época. Para ela, não foi Lima quem fez uso da Cades para desenvolver seu Método, foi o Método dele que fez a Cades ter um papel relevante na formação dos professores secundários cearenses.

A Cades funcionou porque teve grande contribuição do professor Lauro, que se dedicava à mudança dos paradigmas educacionais vigentes naquela época. Seu livro, A Escola Secundária, continha seu pensamento em relação à nova Educação (Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de Menezes, 23/08/2017).

¹⁵ Durante a entrevista, entregamos ao professor Hipólito alguns livros publicados ou usados em cursos da Cades. Nesse excerto, ele comenta os livros de Lima (1962), Silva (1960) e Bezerra (1957).

Para Maria Isolda, Lauro de Oliveira Lima fundou uma nova forma de pensar a Educação que não se restringiu ao Ceará. Os colaboradores da pesquisa, participantes da Cades no período em estudo, compartilham a percepção da professora Maria Isolda quanto ao papel de Lauro de Oliveira Lima na Cades e na Educação. Para eles, Lima era um visionário e o responsável pela introdução de novas ideias educacionais a partir dos estudos piagetianos realizados por Aebli (1974).

Eduardo Diatahy atribuiu ao professor Lauro o entusiasmo da equipe que trabalhava com ele na Cades e estudava Piaget, no grupo *Capita Plana*. Maria Gilvanise conferiu à coordenação de Lauro de Oliveira Lima a relevância que o curso teve em sua formação ao afirmar que “a Cades foi um curso muito importante para mim, porque o Lauro Oliveira instigava muito, ele era muito provocador”. O professor Hipólito disse ter sido discípulo de Lima “por muito tempo”. Ana Bezerra o chamou de “o grande educador cearense Lauro de Oliveira Lima”.

A professora Maria Gilvanise, como evidenciamos em outros excertos de sua fala, considera que a Cades foi sua principal formação docente e tem no professor Lauro de Oliveira Lima um modelo a ser seguido.

Então eu sempre procurei seguir as pegadas do Lauro e sempre fui me diferenciando. Todo mundo achava interessante a abordagem que eu dava às minhas aulas. Tanto quando eu estava trabalhando com Português como quando eu estava trabalhando com Matemática (Maria Gilvanise de Oliveira Pontes, 15/08/2017).

Assim como Maria Gilvanise, de uma ou outra forma, os entrevistados destacaram as marcas positivas deixadas pela Cades e por Lima em sua formação docente, seja como alunos-mestres, seja como membros do *Capita Plana*. O destaque dado ao trabalho de Lima nos colocou frente a uma Cades pedagogicamente diferenciada daquela presente no restante do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonismo de Lauro de Oliveira Lima na coordenação da Cades no Ceará, conforme indicaram nossas fontes, conferiu aos cursos ofertados características pedagógicas específicas, diferenciando-os dos de outras localidades brasileiras. As diretrizes pedagógicas dos cursos cearenses eram de base piagetiana, ao passo que a orientação geral da Dese para os cursos baseava-se nos princípios da Escola Nova.

Os relatos foram, todos, elogiosos à Cades e ao professor Lauro de Oliveira Lima. Todos atribuíram a Lima o sucesso que reconheceram nos cursos da Campanha. Lima foi lembrado

como grande educador, muitas vezes em tom laudatório, inclusive em jornais. Recebeu reconhecimento pelo trabalho desenvolvido à frente da Inspetoria Seccional, na organização dos cursos da Cades, no desenvolvimento dos estudos piagetianos com a consequente criação do Método Psicogenético, na formação dos professores participantes do *Capita Plana*, na atenção dispensada aos professores secundários do interior do estado com a promoção de caravanas de mestres da capital para a capacitação desses docentes em suas cidades.

Essa realidade conferiu aos participantes espaços de destaque no cenário educacional cearense. Na percepção de Maria Isolda, a Cades cumpriu o papel de impulsionadora da educação cearense em sua época. Alegou que não houve, em nenhum outro período no Ceará, um grupo como o *Capita Plana*, que contribuiu para a capacitação de professores na capital e no interior, tendo como ferramenta o Método Psicogenético. Posteriormente, parte do grupo permaneceu trabalhando em equipe na Secretaria de Educação, mas esse grupo foi desfeito com o golpe de 1964. Entretanto, seus participantes, como ela, se mantiveram atuando na educação, muitos deles nas universidades cearenses, alguns, inclusive, com muito destaque na comunidade educacional.

Esse caráter impulsionador atribuído por Maria Isolda à Cades é atestado pelos colaboradores de nossa pesquisa e pela trajetória da Educação no Ceará. Muitos educadores que participaram da Cades e do *Capita Plana* têm seus nomes registrados nas páginas dessa história por diversos autores como pessoas que contribuíram para a melhoria da Educação nesse estado.

REFERÊNCIAS

- A organização do curso oficial da CADES, para os candidatos aos exames de suficiência. (1955. 19 de dezembro) *O Nordeste*, 2; 8.
- Aebli, H. (1974) *Didática Psicológica: aplicações à didática da psicologia de Jean Piaget*. Tradução de João Teodoro D'Olim Marote. 2ed. Companhia Editora Nacional.
- Bacellar, C. (2008). Fontes documentais: Uso e mau uso dos arquivos. In: C. B. Pinsky (Org.). *Fontes Históricas* (pp. 23-80). Contexto.
- Baraldi, I. M.; Gaertner, R. (2013). *Textos e Contextos: um esboço da Cades na história da educação (matemática)*. Editora da FURB.
- Barroso Júnior, E. (2015). O Instituto Cearense de Matemática (1954-1960): a origem do Instituto de Matemática da UFC. [Tese Doutorado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho]. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/132758>.
- Barroso, P. (2017). *O cearense*. (2. ed). Escrituras.
- Bello, J. L. P. (2010) *Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro*. Clube de Autores.
- Bezerra, M. J. (1957). *Didática Especial de Matemática*. MEC/ Cades.

- Bosi, E. (1979). *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. Tao.
- Brasil, L. A. S. (1964). *Estudo dirigido de Matemática*. Fundo de Cultura.
- Decreto n. 8.777, de 22 de janeiro de 1946. (1946). Dispõe sobre o registro definitivo de professores de ensino secundário no Ministério da Educação e Saúde. Recuperado de: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8777-22-janeiro-1946-416416-publicacaooriginal-1-pe.html>.
- Decreto 22.974 de 22 de abril de 1947. (1947) Autoriza o funcionamento de cursos da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará. Recuperado de: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-22974-22-abril-1947-378344-publicacaooriginal-1-pe.html>.
- Garnica, A. V. M. (2003). História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. *Zetetiké*, 11(19), 9-56.
- Garnica, A. V. M. (2015) História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. *História Oral*. Associação Brasileira de História Oral, 18 (2), 35-53.
- Lima, L. O. (1962). *A Escola Secundária Moderna: organização, métodos e processos*. Inep/MEC.
- Lima, L. O. (1964). À guisa de Prefácio. In: L.A.S. Brasil. *Estudo Dirigido de Matemática* (pp. 7-14). Fundo de Cultura.
- Lourenço Filho, M. B.; Hildebrand, A. (2000). São necessários os exames escolares? In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. 81(198), 342-346. <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3728/3464>.
- Miguel, A. & Miorim, M. A. (2004). *História na Educação Matemática: propostas e desafios*. Autêntica. (Tendências em Educação Matemática, 10).
- Pinto, D. C. (2008). Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário: uma trajetória bem-sucedida? In: A. W. Mendonça; L. N. Xavier. (Org.). *Por uma política de formação do magistério nacional: o Inep/MEC dos anos 1950/1960*. Inep/MEC. (Coleção Inep 70 anos, v. 1)
- Pontello, L. S. (2009) *Cartografia das relações de saber-poder, na formação de professores de Matemática, nas universidades públicas de Fortaleza*. [Dissertação Mestrado, Universidade Estadual do Ceará]. <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=74404>.
- Pontello, L. S. (2020). *A Cades no Ceará: Lauro de Oliveira Lima e a formação de professores de Matemática (1953-1964)*. [Tese Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. <http://hdl.handle.net/1843/35499>.
- Portaria nº 115 de 20 de abril de 1955. (1955). Instrui sobre a realização de exames de suficiência para registro de professor do ensino secundário. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Inep/MEC (59), 236-238.
- Silva, M. E. A. J. (1960). *A Didática da Matemática no Ensino Secundário*. MEC/Cades.
- Xavier, M. C. (2012). A Educação no debate do desenvolvimento: as décadas de 1950/1960. In: L. M. Faria Filho; N. Gil; M. C. Zica. (Org.) *Moderno, Modernidade e Modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX* (pp. 199-227). Mazza Edições.